

O mundo redondo e a vitória da paz

MACKINDER, Halford. "The Round World and The Winning of Peace". In: *Foreign Affairs*, vol. 21, n 4, jul. 1943, pp. 595-605.¹

Tradução de *Filipe Giuseppe Dal Bo Ribeiro*²

I

Fui convidado a levar adiante alguns dos temas com os quais lidei em meus escritos anteriores, em particular para considerar se meu conceito estratégico de "Heartland" perdeu algum significado sob as condições da guerra moderna. Para definir o conceito em seu contexto, devo começar com um breve relato de como ele originalmente tomou forma.

Minha lembrança mais antiga dos assuntos públicos remonta ao dia de setembro de 1870, quando, ainda criança, comecei a frequentar a escola primária, levei para casa as notícias, que eu havia aprendido com um telegrama afixado na porta dos correios, que Napoleão III e todo o seu exército haviam se rendido aos prussianos em Sedan. Isso foi um choque para os ingleses, que ainda se moviam mentalmente na esteira de Trafalgar e da retirada de Moscou, mas o efeito completo só foi percebido alguns anos depois. A supremacia britânica no oceano ainda não havia sido contestada, e o único perigo que ela via naquela época, para o império ultramarino, estava na posição asiática da Rússia. Durante esse período, os jornais de Londres foram rápidos em detectar indícios de intrigas russas em todos os rumores de Constantinopla e em todos os distúrbios tribais ao longo da fronteira noroeste da Índia. O poder marítimo britânico e o poder terrestre russo ocuparam o centro do cenário internacional.

Trinta anos depois, na virada do século, von Tirpitz começou a construir uma frota alemã de alto mar. Eu estava ocupada neste momento estabelecendo o ensino

¹ Disponível em <https://www.foreignaffairs.com/articles/1943-07-01/round-world-and-winning-peace>

² Doutor e Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é Professor de Política e Relações Internacionais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Diretor da Coleção "Geografia: teoria e realidade" da Editora Hucitec. filipeggiuseppe@gmail.com

da geografia política e histórica nas universidades de Oxford e Londres, e estava observando os eventos atuais com o olhar generalista de um professor. O movimento alemão significava, eu vi, que a nação que já possuía o maior poder terrestre organizado e ocupava a posição estratégica central na Europa estava prestes a acrescentar poder marítimo forte o suficiente para neutralizar o poder marítimo britânico. Os Estados Unidos também estavam subindo firmemente para o posto de uma Grande Potência. No entanto, ainda assim, seu aumento poderia ser medido apenas em tabelas estatísticas; embora na minha infância alguém já tivesse ficado impressionado com a desenvoltura americana, pois me lembro em nossa sala de aula uma imagem da batalha entre o Merrimac e o Monitor, o primeiro navio blindado e o primeiro navio da torre. Assim, a Alemanha e os Estados Unidos surgiram ao lado da Grã-Bretanha e da Rússia.

Os eventos particulares dos quais surgiram a ideia do *Heartland* foram a guerra britânica na África do Sul e a guerra russa na Manchúria. A guerra sul-africana terminou em 1902 e, na primavera de 1904, a guerra russo-japonesa era claramente iminente. Um artigo que eu li, antes da *Royal Geographical Society*, no início daquele ano, intitulado "O Pivô Geográfico da História", era, portanto, atual, mas tinha um fundo de muitos anos de observação e pensamento.

O contraste apresentado pela guerra britânica contra os bôeres, combatida a uma distância de 18.000 quilômetros através do oceano, e a guerra travada pela Rússia a uma distância comparável em toda a extensão da Ásia, sugeriram naturalmente um contraste paralelo entre Vasco da Gama e o Cabo da Boa Esperança em sua viagem para as Índias, perto do final do século XV, e o passeio de Yermak, o cossaco, à frente de seus cavaleiros, sobre a cordilheira dos Urais até a Sibéria, no início do século XVI. Essa comparação, por sua vez, levou a uma revisão da longa sucessão de invasões feitas pelas tribos nômades da Ásia Central, através da Antiguidade clássica e da Idade Média, sobre as populações estabelecidas do crescente dos subcontinentes: a Europa peninsular, o Oriente Médio, as Índias e a China propriamente dita. Minha conclusão foi que, ... na presente década, estamos pela primeira vez em posição de tentar, com algum grau de completude, uma correlação entre a maior geografia e as maiores generalizações históricas. Pela primeira vez podemos perceber algo da proporção real de características e eventos no palco do mundo inteiro, e podemos buscar uma

fórmula que expresse certos aspectos, de qualquer modo, da determinante geográfica na história universal. Se tivermos sorte, essa fórmula deve ter um valor prático ao colocar em perspectiva algumas das forças concorrentes na atual política internacional.

A palavra *Heartland* ocorre uma vez no artigo de 1904, mas incidentalmente e como um termo descritivo e não técnico. As expressões "área pivot" e "estado pivot" foram usadas em seu lugar, assim: A superação do equilíbrio de poder em favor do estado de pivô, resultando em sua expansão sobre as terras marginais da Euro-Ásia, permitiria o uso de vastos recursos continentais para a construção de frotas, e seria o então discernimento do império mundial. Isso pode acontecer se a Alemanha se aliar à Rússia.

Em conclusão, pode-se salientar expressamente que a substituição de algum novo controle da área do interior pela Rússia não tenderia a reduzir a significância geográfica da posição de pivô. Se os chineses, por exemplo, organizados pelos japoneses, derrubassem o Império Russo e conquistassem seu território, poderiam constituir o perigo amarelo para a liberdade do mundo só porque acrescentariam uma fachada oceânica aos recursos do grande continente.

No final da Primeira Guerra Mundial, meu livro "Ideais e Realidades Democráticas"³ foi publicado em Londres e Nova York. Claramente, o rótulo "pivot", que havia sido apropriado para uma tese acadêmica no início do século, não era mais adequado à situação internacional, como surgiu a partir da primeira grande crise da nossa revolução mundial: daí "ideais", "realidades" e "*Heartland*". Mas o fato de que, mesmo quando os critérios adicionais foram aplicados, a tese de 1904 ainda bastava como pano de fundo para uma estimativa da posição quinze anos depois, deu confiança de que a fórmula procurada havia sido encontrada.

II

Voltamos agora ao objeto principal do presente artigo - a elaboração de uma estimativa provisória do valor do conceito *Heartland* em uma pesquisa do mundo preliminar ao próximo assentamento. Deve ser entendido que estou lidando com

³ Uma nova edição, com texto inalterado, foi publicada no ano passado por Henry Holt and Company, de Nova York.

uma estratégia que, é claro, é eficaz tanto em tempo de paz quanto em tempo de guerra. Não pretendo juntar-me aos amplos debates já em andamento, que vislumbram as gerações futuras; centralizo meus pensamentos nos anos em que o inimigo deve ser pressionado enquanto, na linguagem de Casablanca⁴, sua filosofia de guerra está sendo morta.

O *Heartland* é a parte norte e o interior da Eurásia. Estende-se desde a costa do Ártico até os desertos centrais e tem como limites ocidentais o amplo istmo entre o Mar Báltico e o Mar Negro. O conceito não admite definição precisa no mapa, porque se baseia em três aspectos distintos da geografia física que, embora se reforcem mutuamente, não são exatamente coincidentes. Em primeiro lugar, temos nesta região, de longe, a mais ampla planície da face do globo. Em segundo lugar, fluem através daquela planície alguns grandes rios navegáveis; alguns deles vão para o norte, para o Mar Ártico, e são inacessíveis ao oceano, porque estão sobrecarregados com gelo, enquanto outros fluem para águas interiores, como o mar Cáspio, que não tem saída para o oceano. Em terceiro lugar, existe aqui uma zona de pastagem que, até ao último século e meio, apresentava condições ideais para o desenvolvimento de elevada mobilidade por nômades de camelos e cavalos.

Das três características mencionadas, as bacias hidrográficas são as mais fáceis de apresentar cartograficamente; a divisão da água, que delimita todo o grupo de rios árticos e "continentais" em uma única unidade, isola nitidamente no mapa uma vasta área coerente que é o *Heartland*, de acordo com esse critério específico. A mera exclusão da mobilidade marítima e do poder marítimo, no entanto, é um diferencial negativo, embora importante; era a planície e o cinturão de pasto que oferecia as condições positivas propícias ao outro tipo de mobilidade, aquela própria da pradaria. Quanto ao pasto, ele atravessa toda a largura da planície, mas não cobre toda a superfície. Apesar dessas aparentes discrepâncias, o *Heartland* fornece uma base física suficiente para o pensamento estratégico. Ir além e simplificar a geografia artificial seria enganoso.

Para nosso propósito atual, é suficientemente preciso dizer que o território da URSS é equivalente ao *Heartland*, exceto em uma direção. A fim de demarcar essa

⁴ Nota do tradutor: Conferência de Casablanca (14 a 24 de janeiro de 1943): reunião que marcou um plano de ação de guerra combinando forças Aliadas; estavam presentes os Estados Unidos, Inglaterra e França (resistência francesa). A União Soviética se recusou a participar, pois suas atenções estavam voltadas para Batalha de Stalingrado.

exceção - uma grande - vamos traçar uma linha direta, com cerca de 5.500 milhas de comprimento, no sentido oeste, do Estreito de Bering até a Romênia. As três mil milhas do Estreito de Bering, essa linha cruzará o rio Yenisei, fluindo para o norte das fronteiras da Mongólia até o Oceano Ártico. A leste daquele grande rio fica um país geralmente acidentado de montanhas, planaltos e vales, coberto quase de ponta a ponta com florestas de coníferas; isso eu chamarei *Lenaland*, de sua característica central, o grande rio Lena. Isso não está incluído no *Heartland* Rússia. *Lenaland* Rússia tem uma área de três quartos de milhão de milhas quadradas, mas uma população de apenas cerca de seis milhões, dos quais quase cinco milhões são assentados ao longo da estrada de ferro transcontinental de Irkutsk para Vladivostok. No restante deste território há, em média, mais de três milhas quadradas para cada habitante. Os ricos recursos naturais - madeira, energia hidráulica e minerais - ainda estão praticamente intocados.

A oeste dos Yenisei está o que descrevi como a *Heartland* Russia, uma planície que se estende por 2.500 milhas ao norte e ao sul, e 2.500 milhas a leste e oeste. Contém quatro e um quarto de milhão de milhas quadradas e uma população de mais de 170 milhões. A população está aumentando a uma taxa de três milhões por ano.

A maneira mais simples e provavelmente a mais eficaz de apresentar os valores estratégicos do *Heartland* russo é compará-los com os da França. No caso da França, no entanto, o pano de fundo histórico é a Primeira Guerra Mundial, enquanto no caso da Rússia é a Segunda Guerra Mundial.

A França, como a Rússia, é um país compacto, tão extenso quanto amplo, mas não tão bem arredondado quanto o *Heartland* e, portanto, com uma área bem menor em proporção ao tamanho do limite a ser defendido. É cercado por mar e montanha, exceto para o nordeste. Em 1914-18 não havia países hostis por trás dos Alpes e dos Pireneus, e as frotas da França e seus aliados dominavam os mares. Os exércitos franceses e aliados, posicionados em toda a fronteira nordeste aberta, eram, portanto, bem defendidos em ambos os flancos e estavam seguros na retaguarda. O trágico portal das terras baixas ao nordeste, através do qual tantos exércitos surgiram para dentro e para fora, tem 300 milhas de largura entre os Vosges e o Mar do Norte. Em 1914, a linha de batalha, girando sobre os Vosges, voltou para o Marne; e no final da guerra, em 1918, girou para a frente no mesmo

pivô. Ao longo do intervalo de quatro anos, a frente elástica se curvou e se curvou, mas não se equilibrou diante do grande ataque alemão na primavera de 1918. Assim, como se comprovou, havia espaço dentro do país suficiente tanto para a defesa em profundidade quanto para o recuo estratégico. Infelizmente para a França, no entanto, sua principal área industrial era no setor nordeste, onde a batalha incessante era travada.

A Rússia repete em essência o padrão da França, mas em maior escala e com sua fronteira aberta voltada para o oeste, em vez de para o nordeste. Na atual guerra, o exército russo está alinhado através dessa fronteira aberta. Na parte de trás está a vasta planície do *Heartland*, disponível para defesa em profundidade e para um recuo estratégico. Lá atrás, essa planície retrocede para o leste em direção aos baluartes naturais constituídos pela "inacessível" costa do Ártico, o deserto de *Lenaland* atrás dos ienisianos e a faixa de montanhas do Altai ao Hindu Kush, apoiados pelos desertos de Gobi, tibetano e iraniano. Estas três barreiras têm amplitude e substância, e excedem em valor defensivo as costas e montanhas que formam a França.

É verdade que a costa do Ártico não é mais inacessível no sentido absoluto que existia até poucos anos atrás. Comboios de navios mercantes, auxiliados por poderosos quebra-gelos e com aviões que fazem reconhecimento em busca de faixas de água através do bloco de gelo, foram negociados para os rios Obi e Yenisei, e até mesmo para o rio Lena; mas uma invasão hostil através da vasta área de gelo circumpolar e sobre os musgos da Tundra e as florestas Targa do norte da Sibéria parece quase impossível em face da defesa aérea soviética baseada na terra.

Para completar a comparação entre a França e a Rússia, vamos considerar as escalas relativas de alguns fatos paralelos. O *Heartland* da Rússia tem quatro vezes a população, quatro vezes a largura de uma fronteira aberta e vinte vezes a área da França. Essa fronteira aberta não é desproporcional à população russa; e, para igualar a amplitude do destacamento soviético, a Alemanha precisou retirar sua mão de obra mais limitada, diluindo-a com tropas menos eficazes, tiradas de seus países. Em um aspecto importante, no entanto, a Rússia começou sua Segunda Guerra com a Alemanha em melhor posição do que a França ocupou em 1914; como com a França, sua agricultura e indústrias mais desenvolvidas estavam

diretamente no caminho do invasor. O segundo plano quinquenal teria remediado essa situação se a agressão alemã tivesse sido adiada por alguns anos. Talvez essa tenha sido uma das razões de Hitler para romper seu tratado com Stalin em 1941.

As vastas potencialidades do *Heartland*, no entanto, para não falar das reservas naturais em *Lenaland*, estão estrategicamente bem posicionadas. As indústrias estão crescendo rapidamente em locais como o sul dos Urais, no próprio pivô da “área de pivô”, e na rica bacia de carvão de Kuznetsk, a sotavento das grandes barreiras naturais a leste do alto rio Yenisei. Em 1938, a Rússia produziu mais dos seguintes alimentos do que qualquer outro país do mundo: trigo, cevada, aveia, centeio e beterraba sacarina. Mais manganês foi produzido na Rússia do que em qualquer outro país. Ela foi colocada entre os Estados Unidos no primeiro lugar no que diz respeito ao ferro, e ficou em segundo lugar na produção de petróleo. Quanto ao carvão, Mikhaylov afirma que os recursos das bacias de carvão de Kuznetsk e Krasnoyarsk são estimados capazes de suprir as necessidades do mundo inteiro por 300 anos⁵. A política do governo soviético era equilibrar as importações e exportações durante o primeiro Plano Quinquenal. Exceto em poucas mercadorias, o país é capaz de produzir tudo o que é necessário.

Tudo considerado, a conclusão é inevitável que, se a União Soviética emerge desta guerra como conquistadora da Alemanha, ela deve ser classificada como a maior potência terrestre do mundo. Além disso, ela será o Poder na posição defensiva estrategicamente mais forte. O *Heartland* é a maior fortaleza natural da terra. Pela primeira vez na história, é guarnecido por uma guarnição suficiente tanto em número como em qualidade.

III

Eu não posso fingir esgotar o assunto do *Heartland*, a cidadela do poder terrestre no grande continente do mundo, em um pequeno artigo como este. Mas algumas palavras devem ser dedicadas a outro conceito para equilibrá-lo.

De Casablanca veio ultimamente o chamado para destruir a filosofia alemã dominante. Isso só pode ser feito irrigando a mente alemã com a água limpa de uma filosofia rival. Suponho que por, digamos, dois anos a partir do momento em que a

⁵ N. Mikhaylov, "Geografia soviética". Londres: Methuen, 1937.

ordem de "cessar fogo" for dada, os Aliados ocuparão Berlim, julgarão os criminosos, consertarão as fronteiras no local e concluirão outros tratamentos cirúrgicos para que a geração mais velha na Alemanha, que morreu impenitente, não possa mais deturpar a história para a geração mais nova. Mas, obviamente, seria pior do que inútil colocar professores estrangeiros trabalhando na Alemanha para incutir a teoria da liberdade. Liberdade não pode ser ensinada; só pode ser dado àqueles que podem usá-lo. No entanto, o canal poluído pode ser varrido com muita clareza se for controlado por fortes aterros de poder em ambas as mãos - poder terrestre a leste, no Heartland, e poder marítimo a oeste, na bacia do Atlântico Norte. Enfrente a mentalidade alemã com uma certeza permanente de que qualquer guerra travada pela Alemanha deve ser uma guerra em duas frentes inabaláveis, e os próprios alemães resolverão o problema.

Para que isso aconteça, será necessário, em primeiro lugar, que haja cooperação efetiva e duradoura entre a América, a Grã-Bretanha e a França, a primeira para a profundidade da defesa, a segunda como a fortaleza dianteira do fosso - uma Malta em maior escala e o terceiro como a cabeça de ponte defensável. O último não é menos essencial do que os outros dois, porque o poder marítimo deve ser anfíbio, em última instância, para equilibrar o poder terrestre. Em segundo lugar, é necessário que esses três e o quarto conquistadores, a Rússia, sejam comprometidos juntos a cooperar imediatamente se qualquer violação da paz for ameaçada, de modo que o diabo na Alemanha nunca mais possa levantar a cabeça e morra por inanição.

Algumas pessoas hoje parecem sonhar com um poder aéreo global que "liquidará" tanto as frotas quanto os exércitos. Estou impressionado, no entanto, pelas amplas implicações de um pronunciamento recente de um homem da aeronáutica: "O poder aéreo depende absolutamente da eficiência de sua organização terrestre". Esse é um assunto muito grande para ser discutido dentro dos limites deste artigo. Pode-se dizer apenas que nenhuma prova adequada ainda foi apresentada de que o combate aéreo não seguirá a longa história de todos os tipos de guerra, apresentando alternâncias de superioridade tática ofensiva e defensiva, enquanto efetuando poucas mudanças permanentes nas condições estratégicas.

Não pretendo prever o futuro da humanidade. O que me preocupa são as condições sob as quais nos propusemos a ganhar a paz quando a vitória na guerra tiver sido alcançada. Em relação ao padrão do mundo pós-guerra, agora sendo estudado por muitas pessoas pela primeira vez, é importante que uma linha seja cuidadosamente traçada entre os planos idealistas e os mapas realistas e acadêmicos apresentando conceitos - políticos, econômicos, estratégicos e assim por diante - baseado no reconhecimento de fatos obstinados.

Com isso em mente, pode-se chamar a atenção para uma grande característica da geografia global: um cinto, por assim dizer, pendurado nas regiões polares do Norte. Começa como o deserto do Saara, é seguido como se move para o leste pelos desertos da Arábia, do Irã, do Tibete e da Mongólia, e então se estende, através das florestas de *Lenaland*, Alasca e do escudo Laurentiano do Canadá, até o cinturão submarino do oeste dos Estados Unidos. Esse cinto de desertos e selvagens é uma característica de primeira importância na geografia global. Dentro dele existem duas características relacionadas de importância quase igual: o *Heartland* e a bacia do Oceano Central (Atlântico Norte) com suas quatro subsidiárias (Mediterrâneo, Mar Báltico, Ártico e Mar do Caribe). Fora do cinturão é o Grande Oceano (Pacífico, Índico e Atlântico Sul) e as terras que drenam para ele (terras das monções asiáticas, Austrália, América do Sul e África ao sul do Saara).

Arquimedes disse que poderia erguer o mundo se pudesse encontrar um ponto de apoio para descansar a alavanca. Todo o mundo não pode ser levado de volta à prosperidade de uma só vez. A região entre o Missouri e os Yenisei, com suas grandes rotas troncais para aviões mercantes entre Chicago-Nova York e Londres-Moscou, e tudo que o desenvolvimento deles representará, deve ser o primeiro cuidado, pois deve ser o fulcro. Sabiamente a conquista do Japão espera por um tempo. No devido tempo, a China receberá capital em uma escala generosa como dívida de honra, para ajudar em sua aventura romântica de construir para um quarto da humanidade uma nova civilização, nem completamente oriental nem completamente ocidental. Então, a ordenação do Mundo Exterior será relativamente fácil, com a China, os Estados Unidos e o Reino Unido à frente, os dois últimos, cada um, seguidos por sua trilha de uma comunidade de nações livres - embora suas histórias tenham sido diferentes, o resultado será semelhante. Mas a primeira empreitada empreendida na reconstrução econômica certamente terá que ser na

área dentro do cinturão do deserto, para que uma civilização inteira não caia no caos. É uma pena que a aliança, negociada depois de Versalhes, entre os Estados Unidos, o Reino Unido e a França, não tenha sido implementada! Que problema e tristeza esse ato poderia ter salvado!

IV

E agora, para completar minha imagem do padrão do mundo redondo, deixe-me acrescentar, resumidamente, três conceitos aos dois já visualizados. Para os propósitos do que vejo descrito nos escritos americanos como "Grande Estratégia", é necessário construir amplas generalizações na geografia, tanto quanto na história e na economia. Eu descrevi meu conceito de *Heartland*, que eu não hesito em dizer que é mais válido e útil hoje do que há vinte ou quarenta anos atrás. Eu já disse como se estabelece em seu cinto de amplas defesas naturais - o Mar Polar, coberto de gelo, *Lenaland*, coberto de florestas e acidentado, e as montanhas da Ásia Central e os planaltos áridos. O cinto é incompleto, no entanto, por causa de um portão aberto, mil quilômetros de largura, admitindo da Europa peninsular para a planície interior através do istmo largo entre os mares Báltico e Negro. Pela primeira vez em toda a história há dentro desta vasta fortaleza natural uma guarnição adequada para impedir a entrada do invasor alemão. Dado esse fato, e as defesas para os flancos e retaguarda que descrevi, a largura absoluta do portão aberto é uma vantagem, pois proporciona a oportunidade de derrotar o inimigo, obrigando-o a fazer um amplo desdobramento de sua mão de obra. E sobre e sob o *Heartland* existe um estoque de solo rico para cultivo e de minérios e combustíveis para extração, o mesmo - ou por aí - de tudo o que repousa sobre e sob os Estados Unidos e o domínio canadense.

Sugeri que uma corrente de contra-filosofia de limpeza, canalizada entre aterros inacessíveis de poder, pode varrer a mente alemã de sua magia negra. Certamente ninguém vai ser louco o suficiente para definir professores estrangeiros para exorcizar os espíritos malignos da alma da nação alemã conquistada. Nem, depois dos primeiros inevitáveis anos punitivos, tenho confiança suficiente de que as democracias conquistadoras manterão as guarnições do espírito e número necessários estacionados nas terras vencidas; pois não adianta pedir aos democratas que persistam numa atitude contrária ao próprio espírito e essência da

democracia. O fluxo de limpeza pode ser melhor liberado para fluir de alguma fonte alemã regenerada e regeneradora, entre os aterros de poder que eu nomeei, aquele dentro do *Heartland* e o outro. As duas forças amigas, frente a frente através do fluxo do canal, teriam o mesmo poder e deveriam estar igualmente prontas para a ação necessária dentro dos territórios dos três poderes anfíbios, americano, britânico e francês. Então a Alemanha viveria continuamente sob a ameaça de guerra imediata em duas frentes caso fosse culpada de qualquer violação dos tratados que proibissem a preparação física para a guerra ou a enganosa juventude, que é outro modo de preparação para a guerra. As guarnições democráticas em seus países de origem seriam, por exemplo, os professores.

Nesta proposta segue o meu segundo conceito geográfico, o do oceano *Midland* - o Atlântico Norte - e seus mares dependentes e bacias hidrográficas. Sem trabalhar os detalhes desse conceito, deixe-me imaginá-lo novamente em seus três elementos - uma cabeça de ponte na França, um aeródromo na Bretanha e uma reserva de mão de obra treinada, agricultura e indústrias no leste dos Estados Unidos e no Canadá. No que diz respeito ao potencial de guerra, tanto os Estados Unidos quanto o Canadá são países do Atlântico, e como a guerra terrestre instantânea está à vista, tanto a ponte quanto o aeródromo com fosso são essenciais para o poder anfíbio.

Os três conceitos restantes eu farei pouco mais do que esboço, e apenas por uma questão de completude e equilíbrio globulares. Escorando a unidade gêmea descrita acima - *Heartland* e a bacia do Oceano da *Midland* - aparece no globo o manto de vagas, constituindo um espaço terrestre praticamente contínuo cobrindo cerca de 12 milhões de milhas quadradas - ou seja, cerca de um quarto de todo globo. Nesta vasta área vive hoje uma população total de menos de trinta milhões, ou, digamos, um septuagésimo da população do globo. Aviões irão, é claro, voar por muitas rotas através deste cinturão de deserto; e através dele será conduzido estradas motoras tronco. Mas por muito tempo virá a quebra da continuidade social entre as principais comunidades da humanidade no globo⁶.

O quarto dos meus conceitos abrange, em ambos os lados do Atlântico Sul, as florestas tropicais da América do Sul e da África. Se estes fossem subjugados à

⁶ Algum dia, incidentalmente, quando o carvão e o petróleo estão esgotados, o Saara pode se tornar a armadilha para capturar o poder direto do Sol.

agricultura e habitados pela densidade atual de Java tropical, poderiam sustentar mil milhões de pessoas, sempre desde que a medicina tivesse tornado os trópicos produtivos de energia humana como as zonas temperadas.

Em quinto lugar, e por último, mil milhões de pessoas da antiga civilização oriental habitam as terras das monções da Índia e da China. Eles devem crescer para a prosperidade nos mesmos anos em que a Alemanha e o Japão estão sendo domados para a civilização. Eles então equilibrarão os outros milhares de milhões que vivem entre o Missouri e os Yenisei. Um globo equilibrado de seres humanos. E feliz, porque equilibrado e assim livre.

Recebido em maio de 2019.

Publicado em julho de 2019.